

**Transcrição da Escola de Comunidade com Julián Carrón  
Milão, 22 de novembro de 2017**

*Texto de referência: J. Carrón, No início não foi assim!,  
publicado em Passos novembro 2017, pp. 15-30.*

- *Liberazione n. 2*
- *Give me Jesus*

*Glória*

*Veni Sancte Spiritus*

**Carrón:** Somente quem, aos poucos, cresce na consciência do que cantamos na primeira música – “Não me basta esta noite / um livro, uma canção / ou um amor de mulher” (C. Chieffo, “Liberazione n. 2”) – pode se levantar de manhã – “In the morning when I rise” (“Give me Jesus), de manhã quando me levanto – pedindo o Único que pode responder a esta espera.

Uma pessoa que não pôde vir, porque mora longe, pergunta: “O que nos torna pobres assim? A última Escola de Comunidade me provocou muito, porque se explicava o que é a pobreza: ‘Acontecia algo onde se impunha a Sua presença. Era isso que dava novamente a todos nós aquela postura da criança’, ou seja, esta consciência de si como pobreza. Foi como um soco no estômago, porque eu achava que tinha a postura que você descreveu como uma predisposição natural, como se fosse algo inato. Porém, você disse que é o acontecimento que nos dá novamente essa postura”. Em parte é verdade: viemos ao mundo assim, como crianças, mas, com o tempo, como vemos por experiência, decaímos. E por isso precisamos de alguém que nos recoloca naquela postura de crianças, naquela postura de pobreza. E isso faz com que nasça o pedido: “Gostaria realmente de entender melhor como acontece esse ‘ponto misterioso’ da pobreza. Peço que você aprofunde isso”. Que relação há entre esse acontecimento e a pobreza?

**Colocação:** *Certo dia, quando chegou a noite, estava muito triste e amargurada por causa de uma situação particular que tinha acontecido no trabalho. Com o desejo de defender os direitos de uma pessoa, e aquilo que era justo, me envolvi com a questão, procurei estratégias. À noite, cansada, quando peguei o texto da Jornada de Início de Ano, li: “O ponto de partida do cristão é um Acontecimento. O ponto de partida dos outros é uma determinada impressão das coisas” (p. 23). Para mim, naquele dia, o Acontecimento não chegou nem perto dos meus pensamentos. Não chegou mesmo! Isso me fez querer entender o que significava e por que não tinha nem passado pela minha mente.*

**Carrón:** Entendem? Aquela postura é inata, mas pode haver dias em que sequer nos vem em mente, porque não estamos numa postura de pobreza. Historicamente é assim que acontece.

**Colocação:** *Naquele dia, eu realmente gostaria de ter colocado algumas pessoas em dificuldade! Fazendo esses questionamentos, percebi o seguinte: acontecem circunstâncias, até mais difíceis e problemáticas, nas quais estou aberta e disponível ao Mistério, cheia de pedido, desejando entender o que está querendo me mostrar e o que me pede. Enfrentando essas coisas, não me sinto cansada, não fico abatida, pelo contrário, sinto-me mais certa de quem eu sou e de Quem conduz a minha vida, certa de que há um bem para mim do qual já estou participando. A diferença no modo de enfrentar as circunstâncias está no fato de que em algumas delas estou totalmente desarmada e a única posição possível é o pedido. Sou pobre. Em outras, eu já sei o que é certo, o que preciso fazer, portanto, não peço, aliás, nem penso nisso, até que acontece algo, como a leitura da Jornada de Início de Ano, que introduz outro critério. Ter compreendido isso abriu um horizonte novo sobre o significado da pobreza. Vi a relação entre pobreza e Acontecimento. Só uma alma necessitada, aberta, pode reconhecer o Acontecimento que está se dando agora.*

**Carrón:** É interessante que comecemos a descobrir estas coisas que foram ditas no Dia de Início de Ano não simplesmente como fórmulas a serem repetidas, mas como algo significativo para a vida. Por quê? Porque enfrentando as coisas – como ela disse – com essa pobreza, enfrentamos as circunstâncias e os desafios cotidianos com um pedido. Porém, quando enfrentamos as mesmas circunstâncias sem essa abertura, como um “já sabido”, isso nos cansa. Essa abertura é fundamental, porque nos ajuda a perceber quando o Acontecimento está se dando e quando não. Temos indícios, sintomas que mostram que algo não está funcionando. Quando há essa postura de abertura “sintome mais certa de quem eu sou e de Quem conduz a minha vida”. A questão é como essa pobreza nos é devolvida – dado que, mesmo que de certo modo seja inata, nós a perdemos ao longo do caminho –: nos é devolvida exatamente como aconteceu com você no Dia de Início de Ano, que fez entrar em você um olhar novo.

Uma pessoa do exterior me escreveu exatamente sobre esse ponto, contando o que acontece quando alguém é determinado por este Acontecimento. Essa pessoa teve um problema realmente grave no trabalho e uma outra pessoa que trabalha com ela percebeu como ela enfrentou a situação de um modo novo. E lhe disse: “Desde que vi você reagir assim [uma novidade que pode ser tocada, vista, não é algo que alguém imagina, eu não a invento, não a gero com o meu olhar; as duas não tinham um relacionamento particularmente próximo, mas ao ver a sua reação] não consegui tirar isso da minha cabeça”, mesmo não entendendo por quê. Até que, num determinado momento, ela se deu conta: tinha tudo, “duas filhas lindas, um bom companheiro de caminho, uma certa estabilidade econômica, saúde, fazia viagens, mas me faltava algo”, algo que a pessoa que a tinha impressionado “tinha em abundância, para dar e vender”. E foi justamente isso que a surpreendeu, de tal modo que achava que estava louca. Depois, se pergunta: “Será que estou mesmo louca?”. E se responde: “não”. Depois, a amiga da carta começou a ter um relacionamento com essa moça e a convidou para algumas assembleias de Escola de Comunidade sobre os Exercícios; depois, lhe deu o livreto dos Exercícios, que ela leu praticamente em uma noite, dizendo-lhe que não tinha conseguido parar de ler porque “cada palavra era justamente para mim”. Depois, convidou-a para o Dia de Início de Ano e todos ficaram impressionados com a mudança que estava acontecendo nela; até seus alunos, além do marido e de suas amigas, que lhe perguntavam: “O que você está tomando?!”. E outros amigos começaram a ir atrás dela, e também para a nossa amiga, foi um novo início. O que torna uma pessoa tão diferente a ponto de perturbar (um verbo muito bonito que Giussani usa para descrever em que consiste a mudança) o ambiente, a ponto de todos olharem para ela? A ponto de tocar até a pessoa que gerou essa mudança. De fato, nossa amiga escreve: “Isso fez com que eu também voltasse ao início, me restituiu a simplicidade do início. Porque me contagia. Desejo estar com ela [a colega], porque vejo Cristo acontecer no seu rosto, no seu maravilhamento, na sua alegria; me comove e me contagia. Assim, quando nos encontramos sempre volto para casa cantando, literalmente, e é fácil dizer ‘Tu’, torna-se cada vez mais fácil. Num dos últimos encontros do nosso grupo de Escola de Comunidade, entramos de uma maneira e saímos de outra, todos contentes. Era evidente que Cristo estava presente ali, acontecia ali e contagiava também a nós, acontecia também em nós porque O víamos acontecer. É preciso apenas estar disponível a vê-Lo. Percebo que, como você diz no texto do livreto [dos Exercícios], podemos assumir uma posição diferente diante do que acontece [atenção, porque essa é uma sugestão fundamental], como dizendo: ‘Que bonito o seu início!’ e, imediatamente depois, analisá-lo, compará-lo com o próprio início, olhando para o fato como se fosse a etapa de um processo ao invés de olhá-lo por aquilo que é [ao invés de olhar para o que está acontecendo, ao invés de nos deixar tomar pelo maravilhamento; de repente, mudamos de postura ao invés de nos identificarmos com o que acontece e ficar onde acontece. Por isso muitas vezes é tão fácil nos esquecermos do que aconteceu]. Porém, é difícil se subtrair ao contágio quando alguém olha [Giussani diz: se alguém fixa – fixa! – o olhar sobre o Seu acontecimento]. Isso me lembra também uma frase que conhecemos bem: ‘Busquem todos os dias o rosto dos santos’. Que é uma coisa muito simples. No início foi assim! É isso que gostaria de lhe contar. No fundo da minha vida há sempre uma felicidade cheia de gratidão, não importa o que aconteça, porque no relacionamento de amor com Cristo já tenho tudo, mas o Senhor me deu a possibilidade de começar

de novo através do encontro com uma professora saída do campo de batalha onde me fizeram em pedaços. Isso é imenso. É surpreendente”. Nós estamos na realidade para ver isso; estamos em “saída” (como nos convida Papa Francisco) para ver isso. Porque somos nós que ganhamos através do que o Senhor faz acontecer diante de nós. É contagioso, não é verdade?

**Colocação:** *Oi.*

**Carrón:** Quem contagiou você?

**Colocação:** *Minha filha. Os últimos anos foram um pouco duros, e agora que parece que as coisas – as sérias – estão entrando nos eixos, estou vivendo uma dificuldade financeira como nunca vivi. Neste período, o que me deu força para nunca deixar de confiar em Deus, e sobretudo nunca deixar de me entregar a Ele, foi minha filha adolescente que, mesmo com uma saúde oscilante, nunca deixou de ter ao lado de sua cama o seu rosário fúcsia, como para me chamar a atenção e me dizer: “Mãe, confiemos tudo a Ele em nossas orações noturnas”. Eu não poderia saber o que o Senhor lhe reservava. Ela conheceu o grupo dos Colegiais na escola e, graças a alguns professores, experimentou o abraço de Jesus, fez um encontro decisivo. É assim porque quando nos apaixonamos por Jesus, perdemos a cabeça; é algo inexplicável o que experimento e vivo como uma graça. Agora, eu também estou indo à Escola de Comunidade, estimulada por essa esplêndida adolescente que me disse: “Mãe, você precisa experimentar a beleza que se vive com essa companhia”. Agora o que mais me impressiona são os relacionamentos fortes de amizade que vi e vejo com os próprios olhos. Ou melhor, não apenas de amizade, mas de fraternidade, e isso me toca muito. Então, não posso deixar de ser grata ao Movimento pelo abraço fraterno que deu em minha filha e que sinto forte também em mim.*

**Carrón:** Às vezes nos é entregue diretamente em casa! Basta reconhecer. No entanto, surge a pergunta: isso é acontecimento ou sentimentalismo? Muitas vezes me perguntam: como distinguir se é apenas um contragolpe sentimental (que, de qualquer modo, está sempre presente em qualquer acontecimento) ou se é um Acontecimento? Uma pessoa que não podia estar aqui, me escreve: “Reconheço o Acontecimento cristão hoje apenas quando vejo, no que está acontecendo, os traços inconfundíveis de Jesus; quer dizer, reconheço que o que está acontecendo tornou-se possível por causa de Jesus de Nazaré, que nasceu de Maria há dois mil anos, morreu, ressuscitou e está vivo hoje, porque [Por quê? Ele está vivo hoje porque ela está dizendo? Não!] senão isso [que vê acontecer] não seria humanamente possível. E não significa que obrigatoriamente deva se tratar de algo excepcional, pode ser até um simples gesto”, mas a questão é que – embora banal – está de tal forma além das possibilidades humanas que documenta os traços inconfundíveis de Jesus.

**Colocação:** *Quero lhe agradecer pelo caminho que está me levando a fazer e, rapidamente, gostaria de dizer como está me mudando. Há alguns anos o pertencer ao Movimento realmente mudou o modo como me olho. Pertencer à Fraternidade está se tornando cada vez mais o laço mais profundo que tenho e que me liberta das imagens, tanto minhas quanto daqueles que estão ao meu redor. Estou me dando conta de que a minha identidade passa exatamente por esse pertencer. No pertencer à Fraternidade eu descubro, de modo inesperado, quem sou eu, como sou feita. Durante anos sofri muito para me adequar às imagens, tanto minhas quanto dos outros, até que num determinado momento encontrei alguém que falava de mim de modo proporcional aos meus desejos e percebi que aquela era eu, porque era descrita de modo verdadeiro, sem que eu precisasse me adequar a nada ou censurar nada. No último encontro, você me provocou muito em relação à questão da letícia, não tanto porque eu não a veja em mim, porque tenho uma personalidade bastante alegre, geralmente sou uma pessoa entusiasmada, mas porque muitas vezes não faço o trabalho que você nos indica, ou seja, o trabalho sobre a origem desta letícia. Da última vez entendi que somente se eu fizer esse trabalho Jesus pode se tornar familiar a mim: essa é a minha urgência mais imediata, a coisa de que tenho mais necessidade para estar diante daquilo que me acontece. Trabalhando sobre o Dia de Início de Ano e depois da última Escola de Comunidade, fiquei realmente comovida por voltar a entender que é o relacionamento com Jesus*

*que me faz e que me determina. O ponto chave e central para mim é exatamente fazer esse trabalho, quer dizer, voltar para Ele, porque eu preciso de tudo. Quando volto e peço a Ele para ser realmente feliz e para que faça coisas grandes com esse nada que eu sou – porque é verdade que sou limitada e é verdade que sou inadequada, mas percebo que comecei a ficar tranquila em relação à minha inadequação –, volto a ser presente a mim mesma, volto a ser presente e apaixonada porque percebo que sou querida. E os desastres que acontecem, as brigas, as coisas que não entendo, são a aposta de que é Ele que vence tudo. Fico impressionada porque essa posição humana, essa decisão, não é uma decisão para ser tomada a cada dia, é um trabalho que deve ser feito a cada instante, sempre! Não há um momento em que eu não tenha necessidade d’Ele.*

**Carrón:** Se a pessoa não percebe essa novidade que Cristo introduz na vida, não encontrará razão adequada para ser cristã. Porque é nessa novidade que se vê a conveniência humana da fé. Porque – como você diz – a pessoa pode ser realmente escrava das próprias imagens, como se precisasse se adequar a elas. Quando, ao contrário, alguém é libertado dessa escravidão, o que lhe é devolvido? A pobreza. Finalmente é livre das próprias imagens, finalmente é livre, porque pobre. E isso nos dá um olhar novo sobre nós mesmos. Não é uma coisa sentimental. E em quê se vê isso? Porque descubro cada vez mais “de modo inesperado, quem eu sou”. Você pulou uma frase que me escreveu: “As coisas começam a me falar de novo”, ou seja, as mesmas coisas de sempre passam a nos falar. E, por fim: “Volto a estar presente a mim mesma”. Tentem gerar tudo isso sem o Acontecimento, e começarão a ver que não é humanamente possível. Por isso surpreende quando acontece. E por isso torna mais fácil dizer “Tu”, porque é dito a alguém presente. Esses traços inconfundíveis, que se documentam nesse modo novo de viver a realidade, são a novidade cultural.

**Colocação:** *Fiquei tocado com uma frase do Dia de Início de Ano, do ponto quatro, onde você diz: “A atitude que Cristo testemunha expressa toda a novidade cultural que Ele trouxe ao mundo. Para compreendê-la, é preciso reconhecer o que estava acontecendo no íntimo de Jesus” (p. 23). Pergunto: o que estava acontecendo no íntimo de Jesus? O que você quis dizer? Esta pergunta não nasceu por alguma curiosidade “espiritual” ou intimista, mas pelo desejo e pela necessidade de entrar, de conhecer cada vez mais o Mistério que faz tudo.*

**Carrón:** E por que lhe veio essa pergunta?

**Colocação:** *Porque o Dia de Início de Ano e a última Escola de Comunidade foram o acontecer da Sua presença. Você, Davide e algumas outras pessoas que falaram, veicularam a Sua presença, porque testemunharam o que estava acontecendo com vocês. Fica claro que o cristianismo, do modo como é concebido, vivido e transmitido por Dom Giussani, é simples, não é complicado, basta acolhê-lo, reconhecê-lo, e nos faz respirar. “O Acontecimento” não é o velho ou novo slogan de CL e também não é objeto de um raciocínio ou do desenvolvimento do meu pensamento. Jesus entra de improviso, de repente, na vida e isso gera em mim surpresa, gera o meu sim a Ele, vence a minha distração cotidiana, faz o coração sobressaltar. O coração: acredito que a verificação e a comparação de cada instante com o coração é o ponto radicalmente necessário para o reconhecimento d’Ele. Não é preciso mais nada. Você sempre nos diz que ele é o nosso melhor aliado. Obrigado por ter nos convidado anos atrás a fazer esse trabalho sobre o coração – você afirmou que o coração é infalível, nós é que não somos mais capazes de lê-lo –, um trabalho que nunca termina. O que aconteceu no Dia de Início de Ano aumenta em mim cada vez mais radicalmente a urgência d’Ele e a gratidão por este lugar. Essa urgência não acaba, mas aumenta. Cada circunstância e relacionamento provocam essa urgência. A pergunta sobre o que está no íntimo de Jesus nasce dessa necessidade absoluta.*

**Carrón:** Por que falei disso no Dia de Início de Ano? Justamente por aquilo que dizia nossa amiga que falou antes, porque a frase de Jesus: “Perdoai-os porque não sabem o que fazem” não seria humanamente possível, assim como o episódio do detento, que cito sempre, seria impensável. Uma reação como a do detento (diante de uma revista injusta) não é humanamente possível, basta pensar

em como reagimos normalmente diante de qualquer tipo de ofensa ou quando nos sentimos tratados injustamente: o comum é que “acabamos” com quem nos fez algo ruim, depois refletimos a respeito. Mas quando nos surpreendemos enfrentando de modo diferente as coisas que nos ferem (e as circunstâncias em geral), isto nos faz perguntar: “O que está acontecendo? O que está acontecendo no meu íntimo que faz emergir em mim uma atitude tão nova em relação à minha reação habitual?”. Esta é a novidade cultural. Para poder dizer: “Perdoai-os...” a quem o está crucificando, para poder olhar para as pessoas de modo tão diferente do que olhamos, que relacionamento Jesus deve ter com o Pai? Não é que Jesus não soubesse que o que estavam fazendo era absolutamente errado, mas Jesus não separa a objetividade do erro das pessoas, não emite um juízo que é fora do tempo. O detento fez a mesma coisa: “Se esses guardas não tiveram a possibilidade de encontrar um olhar como o que eu encontrei, como poderiam agir de modo diferente?”. “Não sabem o que fazem”, diz Jesus. Para poder olhar desse modo é preciso que aconteça algo diferente. A frase de Jesus não é só uma frase piedosa que deve ser repetida: “Sem mim nada podeis fazer”. Sem Ele não podemos fazer nada mesmo! E então, quando nos damos conta de que a alternativa é exatamente o nada, começamos a entrever a ponta do iceberg de outra coisa, diferente, começamos a adivinhar o que há no íntimo daquele detento, Quem está agindo nele a ponto de fazer emergir uma modalidade de presença cultural na realidade tão absolutamente diferente.

**Colocação:** *Gostaria de pedir ajuda para entender o que significa fazer silêncio.*

**Carrón:** Por que você pergunta sobre o silêncio?

**Colocação:** *Porque no Dia de Início de Ano você disse que o silêncio era um dos instrumentos para a educação e para a vida do Movimento, e que sem o silêncio não há possibilidade de que Ele penetre na nossa vida. Como dizia a colocação anterior, eu também desejo essa intimidade. Freqüente o Movimento há poucos anos, embora o tenha encontrado há bastante tempo, mas antes nunca tinha tentado fazer silêncio. Quando li isso, comecei a pensar em um momento em que poderia silêncio no meio das coisas habituais: a correria, o trabalho, os filhos, as coisas a fazer; algumas vezes tentei fazer antes de dormir, mas o sono sempre vence...*

**Carrón:** Prevalece!

**Colocação:** *Então, não fiz silêncio e dormi.*

**Carrón:** “O Senhor proverá aos seus amados até durante o sono”, diz o Salmo 126.

**Colocação:** *Numa manhã, decidi experimentar fazer silêncio no caminho para o trabalho; ainda levo quase uma hora de carro depois de deixar minhas filhas na escola. Então, não liguei o rádio e não rezei o terço. A primeira coisa que me veio em mente quando me coloquei nesta posição foi o Salmo que diz: “Medito sobre os teus prodígios”. Mas, na verdade, não aconteceu isso, porque comecei a pensar nas coisas que devia fazer, nas coisas que tinha feito, e não havia silêncio. Mas num determinado momento, inesperadamente, pensei em uma amiga que desejo que conheça os meus amigos e rezei por ela, mas durante o resto do tempo me perdi nas minhas pequenas coisas. Então, queria lhe perguntar o que quer dizer fazer silêncio e como se pode aprender.*

**Carrón:** Lanço novamente a pergunta: o que quer dizer fazer silêncio?

**Colocação:** *Nunca tentei fazer silêncio, mas conto dois fatos que...*

**Carrón:** O bonito disso é que a pessoa não programa o silêncio! Assim se pode ver como ele surge.

**Colocação:** *Neste verão, convidamos para as férias do CLU um importante político para conversar abertamente conosco. Durante o nosso diálogo, vi um homem importantíssimo, com mais de setenta anos e uma história completamente diferente da nossa, diante de mais de quatrocentos jovens, interessado em entender o objetivo da vida, disposto a entender o que fazemos neste mundo. Isso nos unia naquele momento. E aconteceu tudo ali, naquele instante: uma mão que se oferece agora. Vi Cristo acontecer quando percebi que nós dois estávamos mudando de postura durante o encontro. Num determinado momento, olhando para ele, vi que estava comovido enquanto nos agradecia pela existência de uma companhia onde é possível colocar perguntas tão profundas, um*

*fato que em todos os anos de sua vida nunca tinha visto acontecer, nem na vida pública nem na particular. Para mim, era como se realmente estivesse acontecendo pela primeira vez. Naquele momento, eu também fiquei comovido. Comovido no sentido de que fui movido pela presença do Senhor. E, juntos, dissemos: “Não sairemos por aquela porta como entramos, estamos diferentes”. Existe, se nos muda. Depois do encontro, me aconteceu uma coisa que jamais teria esperado. Normalmente, depois dos encontros vou tomar cerveja com os amigos para comentar o que foi dito. Mas daquela vez não consegui, juro que não consegui! Ninguém me disse o que eu devia fazer, mas juro que estava de tal modo pleno que precisava fazer silêncio – como os apóstolos que vão embora sem se despedir porque estão plenos do encontro que acabaram de fazer –, porque o meu coração estava absolutamente pleno por aquilo que tinha acontecido (não apenas pelo que tinha sido dito). Não havia nada a acrescentar ao que existia. Estava tudo ali. Este foi o primeiro sinal de mudança que notei. Um acontecimento nos enche de silêncio e acontece quando menos esperamos, como – segundo fato – aconteceu comigo algum tempo atrás. Fazia um dia muito bonito de sol. Uma das minhas paixões é a moto e, então, passei o dia dando um longo passeio de moto. Era o clássico dia em que não há ninguém para incomodar, o clássico dia em que não se pensa em nada. Eu estava me divertindo, acelerava a moto nas curvas e estava muito contente. Mas, quando eu estava voltando, aconteceu uma coisa que, também desta vez, realmente me surpreendeu. Precisava parar. Precisava parar e olhar, para ter um momento com Ele, para retomar a consciência de Quem faz e realiza tudo na minha vida, para dar-me conta de que nem aquele dia lindo podia me preencher. Por isso preciso do silêncio, preciso parar um instante para deixar que essa terna Presença penetre em mim, porque percebo cada vez mais que não basta que as coisas, os fatos sejam bonitos e me marquem, eles precisam entrar em mim, senão permanecerão externos, se tornarão uma lembrança do passado. Somente se deixo espaço para a presença de Cristo, as coisas se tornam experiência e me mudam. O fato de parar um instante para olhar, ou seja, o silêncio, é o que mais está me ajudando porque, como disse antes, chega a comover o meu coração, a ponto de me deixar definir por Sua presença mesmo naqueles dias em que diria – na minha cabeça – que posso desistir de tudo.*

**Carrón:** É esta a densidade que a vida pode começar a ter no cotidiano, pelo maravilhamento por aquilo que acontece. Porque, como nossa amiga dizia antes, meditar sobre os Seus prodígios é ir atrás dos prodígios que Ele realiza agora. E a pessoa pode fazer isso porque está diante de algo que nunca viu. Pela primeira vez a pessoa é tão tomada que a sua vida se enche de silêncio. Sua colocação me impressiona porque testemunha como tudo nasce unido: começando pelo maravilhamento de vê-Lo acontecer, que é tão evidente porque seria humanamente impossível. Então, o que acontece – como você disse – só pode ser Ele em ação. Existe, se nos muda. E essa consciência d’Ele em ação nos leva ao silêncio. Por isso a única coisa que você pôde fazer foi perder a cerveja para fazer silêncio. A mesma coisa lhe aconteceu naquele dia maravilhoso com a moto. Lembro sempre do episódio em que Dom Giussani está em uma festa muito boa, e que, num determinado momento, percebe uma “exasperada tensão [...] a gritar o seu nome, ó Cristo” (*L’attrattiva Gesù*, BUR, Milão 2001, p. 153), e não como algo acrescentado depois, mas como algo que surge do acontecimento presente. Porque o silêncio cristão não é “não falar”, mas é um silêncio pleno. A maioria das pessoas não suporta o silêncio, porque significa ficar sozinho com o próprio ruído interior, com as próprias dificuldades, com as próprias feridas. Por isso, preferem a música, a televisão, para não ficar sozinhas consigo mesmas. Somente é possível ficar sozinho consigo mesmo se uma Presença determina a vida, se estamos plenos de um encontro. O fato de que isso comece a se tornar experiência, é impressionante, como conta esse amigo universitário: “Este ano, um amigo meu que não é do Movimento foi pela primeira vez nos Exercícios do CLU. Fiquei impressionado por ele ter decidido ir aos Exercícios porque, para ele, este é um período de grandes perguntas e tinha percebido nesta ocasião não tanto a possibilidade de resposta para todas as suas perguntas, mas uma oportunidade para continuar a olhar para elas e colocá-las em discussão, com a convicção de que viver com todas estas questões “não respondidas” é mais bonito, porque nos faz estar sempre em busca. Na primeira noite, depois da palestra de introdução, chegando ao hotel eu

estava curioso para saber como tinha sido para ele e que impressão teve, então perguntei: “O que você achou desta noite?”. Ele me respondeu: “Estou muito contente. Dê-me as chaves do quarto porque vou dormir. Quero ir para a cama com essa alegria e não quero estragá-la”. Depois, explicou-se melhor, me escrevendo: “Estava contente porque estava naquele lugar com a consciência de que naquele instante era o único lugar onde eu gostaria de estar, com a pessoa que tinha me olhado e tinha me feito ver como é possível viver de modo verdadeiro e pleno. Então, no fim do encontro, eu estava tão cheio de alegria que sentia que qualquer palavra ‘corromperia’ a sacralidade do momento”. Fiquei impressionado porque duas horas foram o suficiente para que ele fizesse a experiência de silêncio que você nos propõe e que eu – é o sexto ano que participo dos Exercícios – nunca experimentei”. É-nos dado de novo até pelo último que chega!

**Colocação:** *Há pouco tempo chamei uma cara amiga para jantar porque queria convidá-la para o meu grupo de Fraternidade, que frequento há cerca de um ano e meio. Pensei nela porque gosto muito dela e porque pensava que aquele lugar, que para mim é tão útil, poderia ajudá-la em algumas dificuldades que tinha me contado há algum tempo. Antes de começar a conversa, pensei muito sobre o que deveria lhe dizer, e estava preparada para responder a qualquer objeção; refleti bem sobre o que deveria responder para esta ou aquela questão. Mas, quando eu lhe disse que gostaria que começasse a participar do nosso grupo de Fraternidade porque gostamos dela e porque é um lugar que, para mim, é privilegiado, ela ficou em silêncio. E quando terminei de falar, me respondeu, comovida: “Sabe, nestes dias estava justamente pensando que eu preciso de um ponto [um lugar], porque sozinha me perco completamente nos meus pensamentos e no caos cotidiano. Digo sim, porque preciso do que você está me propondo, realmente preciso disso. Sinto como se estivesse me afogando e como se alguém me puxasse pelos cabelos. Digo sinceramente: não faço mais Escola de Comunidade há algum tempo, não acompanho mais nada e estou sozinha, porém, realmente preciso do que você está me propondo”. Fiquei paralisada, porque me dei conta de como é verdade aquilo que você nos disse no quarto ponto do Dia de Início de Ano: vi-me, em primeira pessoa, tendo uma determinada impressão das coisas, que, depois, se traduz em um discurso, em um preconceito. De fato, achava que sabia o que ela me responderia e estava pronta para rebater. Mas depois, quando ela respondeu falando da sua verdadeira necessidade, tudo mudou, porque quebrou todos os discursos. E isso foi realmente evidente.*

**Carrón:** É o que dizíamos no Dia de Início de Ano: se esse olhar não nos é dado de novo – como vimos esta noite –, não saímos das nossas impressões e das nossas imagens. Mas basta que reaconteça para que a pessoa reconheça que precisa de um ponto para não se perder nos próprios pensamentos ou no próprio caos. É uma necessidade real, palpável, tangível. Às vezes, a pessoa pode não perceber imediatamente, mas quando lhe acontecem determinadas coisas, então, entende. Escreveu-me, surpresa, uma pessoa que sofreu um “golpe” no trabalho, porque não lhe deram o cargo que haviam prometido: “Depois dos primeiros momentos de perplexidade, contrariamente ao que teria esperado, não fiquei dominado pela raiva ou pela desilusão, mas comecei a me perguntar onde o Mistério estava me levando [começa uma curiosidade: “onde o Mistério estava me levando”] e que planos reservava para mim. Percebi que, embora não desejasse esse fato, podia estar diante do que me acontecia com uma postura nova, de confiança na realidade uma vez que me é dada pelo Mistério. Descobri-me livre da ansiedade de ter um ótimo desempenho e da exigência de ser definido por um cargo. Até aquele momento, nunca tinha tido uma consciência tão clara do que o trabalho regular dos últimos anos de Escola de Comunidade estava fazendo comigo [parece nada, mas esse trabalho está gerando um sujeito, uma pessoa que percebe um eu novo, através do que está lhe acontecendo]. A certeza de que o que tinha acabado de me acontecer era para o meu bem me deu uma letícia que levei para casa naquela noite, tanto que minha mulher me perguntou o que tinha acontecido de bonito [ele tinha acabado de sofrer um golpe monumental, mas ele não era definido pela sua impressão, era definido por aquela certeza que tinha entrado em sua vida!]. Nos dias que se seguiram, apesar de ainda ter a ferida aberta, prevalecia a vontade de voltar ao trabalho para enfrentar o desafio do cotidiano como nova ocasião de verificação da minha fé”. Esta é a promessa,

não abstrata, não apenas na vida eterna, mas já, desde agora, nas circunstâncias cotidianas que vivemos.

## AVISOS

A próxima Escola de Comunidade acontecerá na quarta-feira, 20 de dezembro, às 21h00. Neste mês continuaremos trabalhando sobre o texto do Dia de Início de Ano, com uma particularidade: não simplesmente para retomar o texto em si, mas para verificar o nexos entre o seu conteúdo e os gestos de caridade que propomos no último encontro.

Em primeiro lugar: a Coleta de Alimentos do próximo sábado, 25 de novembro [na Itália], que o Papa lembrou na audiência geral desta manhã: “Desejo todo o bem para a Coleta de Alimentos que acontecerá no próximo sábado em operosa continuidade com o Dia Mundial dos Pobres, que celebramos no último domingo” (22 de novembro de 2017). Em segundo lugar, a iniciativa das Tendas da AVSI.

O convite é justamente o de viver estes gestos sem perder o início. “No início não foi assim. No início se construía sobre a presença de Cristo; não é que não se construía, mas se construía apenas sobre Ele”. Se não recuperamos esse olhar no modo de fazer os gestos, acabaremos fazendo-os desconectados da origem. Experimentaremos uma novidade se os vivermos à luz do que vimos no Dia de Início de Ano, quando eu dizia que as dimensões da experiência cristã (cultura, caridade, missão) jorram justamente da origem que é a fé. Não estão separadas, mas unidas desde a origem. É a isto que os convido: a viverem estes gestos como expressão da origem. Estou curioso de ver o que vocês dirão na próxima Escola de Comunidade sobre como viveram o nexos entre o conteúdo do Dia de Início de Ano e os gestos da Coleta de Alimentos e das Tendas da AVSI, e como responderam à necessidade que encontraram, para o bem de todos.

Em relação a isso, leio o que nos contam os amigos da Romênia: “Acabei de voltar da Escola de Comunidade de Bucarest [...] e quis logo escrever para você e contar o que foi [para nós e] para mim o Dia de Início de Ano junto com a provocação sobre o Dia dos Pobres. Ou melhor, o que fez nascer em mim e na realidade romena em que vivo a mensagem do Papa Francisco e como o Dia de Início de Ano foi um momento iluminante de método e de juízo. Quando li a mensagem do Papa, fiquei boquiaberta. Ele fala da pobreza de um modo muito concreto, “sem retórica”, fala dos primeiros cristãos, sobre como compartilhavam, fala da “vocação da pobreza”, de estar perto do pobre, do *Pai Nosso*... Depois, o convite final a todos (leigos consagrados, Movimentos, Associações) para que se instaure uma ‘tradição’. [...] [Ela diz que, depois de ter convidado todas as Associações e o Bispo, aconteceu uma coisa interessante]. A certo ponto, me sentia um pouco cansada porque por um lado a iniciativa estava tomando uma dimensão inesperada [por causa de todos esses convites], enquanto por outro começava a ficar difícil administrar [...]. Então, [veem como há o risco de separar uma coisa da origem?] diante de uma coisa bonita e grande começou a se insinuar um pouco de pretensão e de lamento. Assim, cheguei no Dia de Início de Ano um pouco cansada e preocupada. No entanto... Que maravilha! Aquele ‘de repente’ e aquele ‘no início não foi assim!’ não saíam da minha cabeça. O que isso quer dizer para mim? ‘No início’ vale apenas para o primeiro encontro? Ou aquele início se dá sempre que acontece alguma coisa ‘de repente’? Então me perguntei o que tinha me tocado da mensagem do Papa. Percebi que não me lembrava muito bem... Aí está: o ‘fazer’ estava substituindo o maravilhamento inicial. Assim, muito simplesmente, não fiz uma coisa estrondosa, apenas segui o método: lembrei-me daquele texto – já abandonado em uma gaveta – e o reli. Surpreendi-me novamente, me mudou outra vez. Que maravilha: diferente de lamento. Obrigada [...] por ter simplesmente dito: Lembre-se, faça memória”, para que os gestos que fazemos não se separem da origem. Este é o trabalho que somos convidados a fazer para a próxima Escola de Comunidade.

Cartaz de Natal. Este ano escolhemos uma imagem fotográfica. É a foto de um campo de refugiados de outubro de 2017, do fotógrafo Kevin Frayer, da Getty Images News.



O texto é este: “Uma ‘história particular é o ponto-chave da concepção cristã do homem, da sua moralidade, na sua relação com Deus, com a vida, com o mundo. A nossa esperança está em Cristo, nessa Presença que, mesmo distraídos e esquecidos, não conseguimos mais tirar – pelo menos não até a última migalha – da terra do nosso coração, graças a toda a tradição dentro da qual Ele chegou até nós”.

Como vocês sabem, é um trecho de Dom Giussani do texto *O “sim” de Pedro*. Escolhemos essa frase de Dom Giussani porque o Natal é, por essência, “a” história particular – e nesta noite vimos como continua: como algo real, que acontece, que continua acontecendo no presente –, o fato que é a salvação para todos. Deus escolheu esse método através do qual faz passar a verdade universal, que não se afirma por uma discussão abstrata sobre a verdade, mas através de uma história particular, algo presente, para que os nossos irmãos homens sejam tocados exatamente pela Sua presença que passa através de nós e que é capaz de atrair todos, mesmo quem vem de culturas diferentes. Nesta noite vimos isso documentado: a filha que transmite à mãe, a diretora que transmite à professora, uma pessoa que transmite ao amigo. Não há outro modo do Acontecimento se transmitir, a não ser acontecendo.

*Veni Sancte Spiritus*